

O Evangelho Segundo o Espiritismo é mesmo um outro evangelho como apregoam?

"Admira-me que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo para outro evangelho" (Gl 1,6).

Alguns pontos básicos que poucas religiões têm como norma de conduta para si e seus fiéis, estão claros naquilo que o Espiritismo se posiciona para se relacionar com as outras religiões:

O Espiritismo respeita todas as religiões e doutrinas, valoriza todos os esforços para a prática do bem e trabalha pela confraternização e pela paz entre todos os povos e entre todos os homens, independentemente de sua etnia, cor, nacionalidade, crença, nível cultural ou social. Reconhece, ainda, que "o verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza" ⁽¹⁾. (grifo nosso).

O Espiritismo proclama a liberdade de consciência como um direito natural; reclama-a para os seus adeptos, do mesmo modo que para toda a gente. Respeita todas as convicções sinceras, e faz questão da reciprocidade. (KARDEC, 2006, p. 290). (grifo nosso).

Uma vez que o Espiritismo não é compreendido da mesma forma por toda gente, a constituição apela para os que o encaram do seu ponto de vista, com o objetivo de lhe dar apoio, quando se achem isolados, e de fortalecer os laços da grande família pela unidade da crença. Mas, fiel ao princípio da liberdade de consciência, que a Doutrina proclama como direito natural, ela respeitará todas as convicções sinceras, e não anatematizará os que sustentem ideias diferentes das suas, nem deixará de aproveitar as luzes que possam brilhar fora do seu seio. (KARDEC, 2006, p. 407). (grifo nosso).

Na maioria das religiões, os seus adeptos sempre se colocam como sendo os donos da verdade; por isso, lançam anátemas às outras expressões de religiosidade, chegando, inclusive, a agressões morais, quando não partem para as físicas, num total despeito ao direito natural de todas as outras pessoas de seguirem o que melhor acharem de bom para si mesmas. Além disso, e, seguramente, o mais importante, não encontram esse exemplo na vida do Mestre Jesus, a quem, supostamente, dizem seguir.

Kardec foi muito feliz, quando colocou de maneira taxativa, sem ambiguidade:

Àquele que diz: "Eu creio na autoridade da Igreja e não me afasto dos seus ensinamentos, sem nada buscar além dos seus limites", o Espiritismo responde que não se impõe a pessoa alguma e que não vem forçar nenhuma convicção. (KARDEC, 2007, p. 137). (grifo nosso).

Portanto, não há razão para ficarem apreensivos, pois os Espíritas não se preocupam em angariar novos adeptos, praticando o proselitismo tipo "porta-a-porta", cujo resultado é exatamente o contrário do que querem, pois poucas pessoas estão querendo ouvir fanáticos que, no fundo, querem mesmo é impor suas ideias religiosas aos outros.

Embora Kardec tenha dito isso no século XIX, continua valendo como algo que ainda se aplica ao atual século XXI, apesar de passados cerca de 150 anos:

Infelizmente, as religiões não são sempre instrumentos de dominação; o papel de profeta há tentado as ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio deste nome, exploram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua

¹ Conselho Espírita Internacional, <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/cei/doutrina.html>, acesso em 07.02.2010, às 08:30hs.

ganância, ou da sua indolência, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas. (KARDEC, 1995, p. 17).

A questão da moralização do homem é coisa que não é, e nunca foi, o objetivo da liderança religiosa, que está, isto sim, visando satisfazer ao próprio estômago, quando procuram ter uma vida confortável – mansões, carrões, e todas as benesses que o dinheiro proporciona -, à custa do dízimo dos fiéis; poucos os que são sinceros no seu ministério.

E, para melhor esclarecer, sobre um dos três aspectos do Espiritismo – ciência, filosofia e religião -, informamos:

O Espiritismo é uma religião porque ele tem por fim a transformação moral do homem, retomando os ensinamentos de Jesus Cristo, para que sejam aplicados na vida diária de cada pessoa. Revive o Cristianismo na sua verdadeira expressão de amor e caridade (?). (grifo nosso).

Essas observações são importantes, pois nos negam tal status, qual seja, ao de ser uma religião e, muito menos, uma religião cristã, sem se preocuparem com os resultados das suas críticas destrutivas, que, de certo modo, ferem, qual dardo venenoso, o sentimento religioso de muitas outras pessoas e, às vezes, literalmente, até matando-o, pelas barbaridades que dizem da Doutrina Espírita; especificamente, do *Evangelho Segundo o Espiritismo*. O que se vê é que muitos dos que falam dele, nada sabem do seu conteúdo, pois mal viram a sua capa, para daí tirarem as suas conclusões apressadas, diga-se, de passagem. Os poucos que se deram ao trabalho de lê-lo (e põe pouco nisso), demonstram que nem minimamente o estudaram, e, certamente, não tiveram a menor preocupação em ler-lhe a Introdução; apenas passaram superficialmente por algumas de suas páginas.

A introdução de um livro é algo importante, pois é nela que o autor vai colocar, entre outras coisas, os objetivos e as razões pelas quais escreveu sua obra, bem como, em muitos casos, a que público se destina. Não foi diferente com Kardec, pois na Introdução de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, ele, inicialmente, como bom didata que foi, deixa bem claro qual é o objetivo da obra, cujo teor, pela importância e do esclarecimento que proporcionará, transcrevemos em seu inteiro teor:

I - OBJETIVO DESTA OBRA

Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: *os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral*. As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, nele teriam as seitas encontrado sua própria condenação, visto que, na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo. Para os homens, em particular, constitui aquele código uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. E, finalmente e acima de tudo, o roteiro infalível para a felicidade vindoura, o levantamento de uma ponta do véu que nos oculta a vida futura. Essa parte é a que será objeto exclusivo desta obra.

Toda a gente admira a moral evangélica; todos lhe proclamam a sublimidade e a necessidade; muitos, porém, assim se pronunciam por fé, confiados no que ouviram dizer, ou firmados em certas máximas que se tornaram proverbiais. Poucos, no entanto, a conhecem a fundo e menos ainda são os que a compreendem e lhe sabem deduzir as consequências. A razão está, por muito, na dificuldade que apresenta o entendimento do Evangelho que, para o maior número dos seus leitores, é ininteligível. A forma alegórica e o intencional misticismo da linguagem fazem que a maioria o leia por

desencargo de consciência e por dever, como leem as preces, sem as entender, isto é, sem proveito. Passam-lhes despercebidos os preceitos morais, disseminados aqui e ali, intercalados na massa das narrativas. Impossível, então, apanhar-se-lhes o conjunto e tomá-los para objeto de leitura e meditações especiais.

É certo que tratados já se têm escrito de moral evangélica; mas, o arranjo em moderno estilo literário lhe tira a primitiva simplicidade que, ao mesmo tempo, lhe constitui o encanto e a autenticidade. Outro tanto cabe dizer-se das máximas destacadas e reduzidas à sua mais simples expressão proverbial. Desde logo, já não passam de aforismos, privados de uma parte do seu valor e interesse, pela ausência dos acessórios e das circunstâncias em que foram enunciadas.

Para obviar a esses inconvenientes, reunimos, nesta obra, os artigos que podem compor, a bem dizer, um código de moral universal, sem distinção de culto. Nas citações, conservamos o que é útil ao desenvolvimento da ideia, pondo de lado unicamente o que se não prende ao assunto. Além disso, respeitamos escrupulosamente a tradução de Sacy, assim como a divisão em versículos. Em vez, porém, de nos atermos a uma ordem cronológica impossível e sem vantagem real para o caso, grupamos e classificamos metodicamente as máximas, segundo as respectivas naturezas, de modo que decorram umas das outras, tanto quanto possível. A indicação dos números de ordem dos capítulos e dos versículos permite se recorra à classificação vulgar, em sendo oportuno.

Esse, entretanto, seria um trabalho material que, por si só, apenas teria secundária utilidade. O essencial era pô-lo ao alcance de todos, mediante a explicação das passagens obscuras e o desdobramento de todas as consequências, tendo em vista a aplicação dos ensinamentos a todas as condições da vida. Foi o que tentamos fazer, com a ajuda dos bons Espíritos que nos assistem.

Muitos pontos dos Evangelhos, da Bíblia e dos autores sacros em geral só são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da chave que faculte se lhes apreenda o verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo, como já o puderam reconhecer os que o têm estudado seriamente e como todos, mais tarde, ainda melhor o reconhecerão. O Espiritismo se nos depara por toda a parte na antiguidade e nas diferentes épocas da Humanidade. Por toda a parte se lhe descobrem os vestígios: nos escritos, nas crenças e nos monumentos. Essa a razão por que, ao mesmo tempo que rasga horizontes novos para o futuro, projeta luz não menos viva sobre os mistérios do passado.

Como complemento de cada preceito, acrescentamos algumas instruções escolhidas, dentre as que os Espíritos ditaram em vários países e por diferentes médiuns. Se elas fossem tiradas de uma fonte única, houveram talvez sofrido uma influência pessoal ou a do meio, enquanto a diversidade de origens prova que os Espíritos dão indistintamente seus ensinamentos e que ninguém a esse respeito goza de qualquer privilégio. (1)

Esta obra é para uso de todos. Dela podem todos haurir os meios de conformar com a moral do Cristo o respectivo proceder. Aos espíritas oferece aplicações que lhes concernem de modo especial. Graças às relações estabelecidas, doravante e permanentemente, entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, que os próprios Espíritos ensinaram a todas as nações, já não será letra morta, porque cada um a compreenderá e se verá incessantemente compelido a pô-la em prática, a conselho de seus guias espirituais. As instruções que promanam dos Espíritos são verdadeiramente *as vozes do céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los à *prática do Evangelho*.

(1) Houvéramos, sem dúvida, podido apresentar, sobre cada assunto, maior número de comunicações obtidas numa porção de outras cidades e centros, além das que citamos. Tivemos, porém, de evitar a monotonia das repetições inúteis e limitar a nossa escolha às que, tanto pelo fundo quanto pela forma, se enquadravam melhor no plano desta obra, reservando para publicações ulteriores as que não puderam caber aqui.

Quanto aos médiuns, abstivemo-nos de nomeá-los. Na maioria dos casos, não os designamos a pedido deles próprios e, assim sendo, não convinha fazer exceções. Ao demais, os nomes dos médiuns nenhum valor teriam acrescentado à obra dos Espíritos. Mencioná-los mais não fora, então, do que satisfazer ao amor próprio, coisa a que os

médiuns verdadeiramente sérios nenhuma importância ligam. Compreendem eles, que, por ser meramente passivo o papel que lhes toca, o valor das comunicações em nada lhes exalça o mérito pessoal; e que seria pueril envaidecerem-se de um trabalho de inteligência ao qual é apenas mecânico o concurso que prestam.

(KARDEC, 1990, p. 25-28). (grifo nosso).

Não temos como não perceber, nesse texto de Kardec, algo que não se vê em nenhum texto produzido pelos ditos “crístãos”, pois neles só vemos intolerância religiosa, o que muito lastimamos. Vamos fazer alguns comentários sobre ele.

No primeiro parágrafo, ele deixa bem claro que o objetivo da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo* é estudar e comentar o ensino moral de Jesus, ponto que deveria ser a união de todas as religiões, e roteiro pelo qual a felicidade, que tanto almejamos, possa ser conquistada. Coloca-o, ainda, como princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça, pois, certamente, a sua aplicação trará a paz e concórdia entre todos os povos da humanidade, tornando-nos solidários uns para com os outros.

Ressalta que o ensino moral de Jesus, contido no Evangelho, nunca foi matéria de disputas religiosas, o que nos leva a concluir que Kardec fazia de tudo para não entrar nas desavenças teológicas que, certamente, não levam a lugar algum, porquanto os envolvidos nelas jamais abrem mão dos seus pontos de vista, para abraçarem os dos outros.

Embora todo mundo admire a moral evangélica, poucos a conhecem a fundo; daí a necessidade de explicá-la, visando o seu entendimento, para que se possa colocá-la em prática no dia a dia, porquanto os textos bíblicos são, de forma geral, de difícil compreensão.

Afirma que resumiu os artigos de forma a compor um código de moral universal, sem distinção de culto; algo, portanto, que pode ser usado, não só pelos espíritas, mas, indistintamente, por tudo mundo, caso não houvesse a intransigência ainda vigente entre as crenças religiosas tradicionais.

Os textos bíblicos que foram analisados, não estão segundo a ordem cronológica, mas tomados por sua natureza; tiveram a sua base na tradução francesa da Bíblia de Sacy. Buscando-nos informar, encontramos algo sobre as traduções francesas, onde é citado o seu nome; vejamos:

Traduções francesas

Em 1530 saiu a tradução do católico Jacques Le Fèvre D'Étaples, seguida pela do protestante Pierre Robert, dito Olivétan, cuja tradução de 1535 conquistou o protestantismo francês, sendo revista por Ostervald em 1724. Depois da tradução do católico Corbin, veio a melhor de todas, a do jansenista Louis-Isaac Le Maître de Sacy. Traduções mais modernas são a do protestante L. Segond (1880) e a do católico A. Crampon (1894). Em 1956 saiu a tradução completa feita sob a direção da École Biblique de Jérusalem, dominicana. ⁽³⁾. (grifo nosso).

Assim, fica claro que Kardec não fez nenhuma tradução própria da Bíblia, que fosse ao gosto dele ou dos Espíritas; apenas, como era de se esperar do seu caráter, usou uma das mais destacadas traduções francesas. Essa é a razão pela qual não adianta querer saber onde há uma “Bíblia Espírita”, como vimos um internauta solicitando informações visando comprá-la; isso não é piada!

O que vemos, então, é que Kardec usou uma tradução já existente da Bíblia, da qual tomou os textos para análise, objetivando aplicar, a todas as condições de nossa vida diária, os ensinamentos de Jesus, tendo em vista que muitos pontos dos Evangelhos “são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais”.

Após seus comentários dos textos bíblicos Kardec coloca “algumas instruções escolhidas, dentre as que os Espíritos ditaram”, pertinentes ao assunto focado no tópico, que, para ele, “são verdadeiramente *as vozes do céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los à *prática do Evangelho*”.

3 <http://pt.shvoong.com/books/1765337-tradu%C3%A7%C3%B5es-da-b%C3%ADblia-italiana-francesa/>, acesso em 07.02.2010, às 11:13hs.

E, tendo-a de cunho universalista, sem nenhuma conotação sectarista, completa dizendo: "Esta obra é para uso de todos. Dela podem todos haurir os meios de conformar com a moral do Cristo e respectivo proceder".

Acreditamos que, se tivessem lido essas considerações de Kardec não correriam o risco de se passarem por néscios, ou "papagaios", que apenas repetem as coisas que lhe dizem sem saber o significado delas. Lançam-nas, como se não as conhecessemos, as seguinte passagens bíblicas, querendo insinuar que as contradizemos:

2Cor 11,4: "De fato, se chega alguém e prega a vocês um Jesus diferente daquele que lhes pregamos, ou se vocês acolhem um espírito diferente daquele que receberam, ou um evangelho diverso daquele que vocês abraçaram, vocês o suportam de bom grado".

Gl 1,6-9: "Estou admirado de vocês estarem abandonando tão depressa aquele que os chamou por meio da graça de Cristo, para aceitarem outro evangelho. Na realidade, porém, não existe outro evangelho. Há somente pessoas que estão semeando confusão entre vocês, e querem deturpar o Evangelho de Cristo. Maldito aquele que anunciar a vocês um evangelho diferente daquele que anunciamos, ainda que sejamos nós mesmos ou algum anjo do céu. Já dissemos antes e agora repetimos: Maldito seja quem anunciar um evangelho diferente daquele que vocês receberam".

Pelo que já o expomos, esperamos que tenha ficado nítido que nada disso se aplica a nós, os Espíritas, porque, quer gostem ou não, quer aceitem ou não, **seguimos incondicionalmente o Evangelho do Cristo**; que isso fique bem claro! Aliás, os que, geralmente, nos exigem seguir a Cristo, estão mais para seguir a Paulo, autor dos passos citados, do que a qualquer um outro; poderíamos dizer, conforme vários entendidos, que são adeptos do "paulinismo".

Um fato que achamos bem curioso nisso tudo é que se nos imputam de ter outro evangelho o que, na verdade, não temos; a eles, indistintamente, caberia a acusação de ter outra Bíblia, pois todos sabemos que a Bíblia dos católicos e protestantes diferem em seu conteúdo. E a ser verdadeira a afirmativa de S. Jerônimo de que "A verdade não pode existir em coisas que divergem" estariam ambos os lados em maus lençóis.

Por outro lado, poderemos deixá-los todos tranquilos quanto ao Espiritismo, pois "Se o Espiritismo é uma falsidade, ele cairá por si mesmo; se, porém, é uma verdade, não há diatribe que possa fazer dele uma mentira". (KARDEC, 2007, p. 61).

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Fev/2010.

Referências bibliográficas:

- KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
 KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
 KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 1995.
 KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
 Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª imp. São Paulo: Paulus, 2001.

(publicado na revista *Espiritismo & Ciência*, nº 81. São Paulo: Mythos Editora, p. 44-54).